

AS PRÁTICAS DE COZINHA COMO PRODUTORAS DE MICRORRESISTÊNCIAS

*Juzelia de Moraes Silveira*¹

RESUMO

Essa escrita se constitui a partir de aspectos investigados em minha pesquisa doutoral, a qual objetivou pensar em como os sujeitos produzem-se e são produzidos por suas práticas de cozinha. Para tanto, traço alguns apontamentos sobre como foi realizado o processo de investigação, tendo como base as perspectivas teóricas da Cultura Visual, da Investigação Narrativa e dos Estudos do Cotidiano. Por fim, busco apresentar um dos principais temas que emergiram ao longo do desenvolvimento da pesquisa: as relações de gênero construídas e pensadas a partir das práticas de cozinha. Discuto como esses locais são envoltos por discursos que circundam as produções de gêneros, bem como podem ser espaços de questionamento sobre as normativas ali presentes.

Palavras-chave: Estudos do Cotidiano. Cultura Visual. Investigação Narrativa. Práticas de cozinha.

1 Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual -FAV/UFG. Mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal de Santa Maria/RS. Possui Bacharelado e Licenciatura em Desenho e Plástica, pela Universidade Federal de Santa Maria/RS.

1 INTRODUÇÃO

Ao me aproximar dos Estudos do Cotidiano, percebi em uma prática que me é muito cara o quanto esta contava sobre inúmeros aspectos de quem sou, como me tornei o que sou e de como essa prática marcou significativamente ao longo dos anos a produção de subjetividades. Me refiro às práticas de cozinha e como estas são contornadas por sistemas socioculturais que afetam tanto aqueles que a praticam, como aqueles que dela se servem.

A isso somou-se também a aproximação com a Investigação Narrativa, que possui como um dos principais pontos de diálogo com os Estudos do Cotidiano a compreensão de que aprendemos a partir de nossas experiências mais comuns, e de que cada sujeito compõe, atua e afeta os locais em que está inserido. Ambos produzem diálogos frutíferos e filiam-se aos aspectos teóricos e conceituais de meu campo de estudo, a Cultura Visual, uma vez que trazem para o interesse acadêmico as pequenas narrativas, que buscam pensar como as imagens que consumimos e produzimos em nossos contextos acabam por afetar e produzir quem somos, de mesmo modo que nos sugere outras possibilidades de ser.

Ao começar a perceber o quanto o contato com a cozinha relatava aprendizagens que iam além do preparo de um alimento, comecei a observar as distintas relações de sujeitos diversos com esse fazer. Deste modo, desde o início da pesquisa doutoral que aqui retomo para desenvolver esta escrita, percebi a pertinência de realizar uma investigação que não partisse somente de minha voz e minhas experiências, mas que buscasse justamente diálogos entre as distintas formas de se relacionar com esse fazer e os diferentes olhares sobre como os sujeitos são constituídos a partir de suas práticas de cozinha.

Meu interesse estava centrado em pensar o quanto esses locais, os modos de fazer ali presentes e as pessoas que compõem es-

ses cenários, por suas distintas formas de conceber e praticar essa atividade cotidiana, acabam por produzir concepções a seu respeito, gerando discursos, expectativas, normativas... E, neste ato, por meio da repetição, da criação, da negação, se muda não somente o alimento e o ato de alimentar, mas as diversas coisas que circundam essa prática e os indivíduos que a exercem. Uma mudança no curso daquilo que é caracterizado pela repetição inaugura outras formas de pensar e agir sobre os contextos socioculturais.

Isto diz respeito ao que Certeau (2002) conceitua como “microrresistências”. De acordo com o autor, essas microrresistências são criadas no dia a dia pelos sujeitos em suas inúmeras formas de praticar o cotidiano. Essas se dão marcadas pelas diversas formas de fazer algo, de tornar pessoal o que parece comum, de inventar modos distintos de fazer o que é marcado pela repetição. Assim, um pequeno desvio produzido naquilo que é corriqueiro pode dar início a uma mudança na forma de ver a si mesmo e pensar como se vive.

Certeau (2002) enfatiza que essas microrresistências não se configuram como lutas fervorosas, mas como pequenos movimentos que podem inaugurar mudanças maiores. Por isso, o autor afirma que essas ações dizem respeito ao “fraco”, àquele “praticante anônimo do cotidiano” que com seus pequenos e plurais movimentos questiona o que é imposto em seu modo de ser, pensar e constituir seu contexto.

As microrresistências encontradas ao longo do percurso de investigação, a partir de minhas experiências com as práticas de cozinha e, juntamente com as dos participantes da pesquisa, voltaram-se para questões que diziam respeito, sobretudo, a temas referentes a quem pode ocupar esses espaços, quem pode exercer essa prática; as noções de afetividade, cuidado e amor comumente associadas ao ato de cozinhar e comer coletivamente; às possibilidades e acessos à produção do alimento.

Quando pensamos em nossas experiências com as cozinhas, frequentemente resgatamos em nossas memórias imagens daqueles sujeitos que a compunham, mas também todo o cenário em que aquela prática era desenvolvida. São visualidades que marcam épocas específicas e modos de fazer diretamente afetados pelos meios disponíveis, pelas possibilidades econômicas.

Para a construção da pesquisa tive que explicar inicialmente para mim mesma que a maior parte das imagens que a constituiria seriam imagens imateriais (MITCHELL, 2009), fugidias e imprecisas, reconstruídas somente na memória e sob as percepções momentâneas daquele que a narra. Compreendendo isso, recorri às discussões propostas por Illeris e Arvedsen (2012) a respeito do que conceituam como “fenômenos e eventos visuais”.

Os fenômenos visuais dizem respeito a tudo aquilo com o qual decidimos estabelecer algum diálogo de modo consciente por meio da visão. Os eventos visuais, por sua vez, envolveriam as relações complexas entre o observador e o observado, envolvendo nisso aspectos sociais, culturais, ideológicos... Tais conceitos me permitiram pensar essas imagens resgatadas pela memória como sendo marcadas por momentos e contextos específicos, de mesmo modo, permitiram a fluidez de suas percepções ao passo que mudavam esses elementos.

Esse aspecto encontra um importante ponto de conexão com a Investigação Narrativa, uma vez que compreende que quando narremos uma história essa é profundamente delineada pelas linhas discursivas predominantes no universo daquele que está narrando, pois, “[...] nosso repertório local de formas narrativas é entrelaçado a um cenário cultural mais amplo de ordens discursivas fundamentais, que determinam quem conta qual estória, quando, onde e para quem [...]” (BROCKMEIER e HARRÉ, 2010, p. 527). Portanto, ao buscar desenvolver essa pesquisa partindo dessas recordações que tinham como pano de fundo as práticas de cozinha não buscava

uma verdade única e imutável. Pretendia principalmente o olhar dos sujeitos participantes da pesquisa sobre si mesmos em relação às suas formas de serem cozinheiros ou comensais refletindo justamente sobre como nossas percepções são mutáveis ao longo do tempo e ao passo que mudam os espaços em que se vive.

Sendo assim, convidei quatro pessoas para fazerem parte dessa investigação: Débora, Ronaldo, Maria Lêda e Alexandra². Todos os quatro possuem uma relação muito forte com as práticas de cozinha e com facilidade conseguiram pensar sobre si mesmos a partir dessa temática, bem como narrar-se tendo-as como dispositivo para a reflexão.

As falas que surgiram a partir da temática proposta produziram uma infinidade de imagens imateriais que propiciaram o ver e ser visto a partir da rememoração de experiências. E esse se configura como um dos principais interesses da cultura visual: compreender como o ato de ver se constitui como um ato político e de como a consciência acerca disso faz com que possamos agir sobre discursos e normativas.

Martins e Tourinho (2011, p.52) afirmam que:

Ao naturalizar certas ideias e valores, nossa história/trajetória cultural vai configurando gradativamente nosso modo de ver o mundo, ou seja, nos predispondo a vê-lo de determinadas maneiras. Mas o ato de ver não acontece num vazio cultural; ao contrário, sempre acontece em contexto e o contexto orienta, influencia e/ou transforma o que vemos. Por esta razão, ver é – deve ser - um processo ativo e criativo.

Pensando tais questões, construí as proposições a serem lançadas aos participantes tentando, justamente, provocar pontos que pensassem como suas experiências com as cozinhas estavam

2 Neste artigo, opto por utilizar os nomes reais dos colaboradores, seguindo o mesmo procedimento realizado na tese. A utilização dos nomes reais foi devidamente autorizada pelos colaboradores mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

situadas em contextos específicos e como suas visões sobre si mesmos, a partir dessa prática, eram constituídas por seus filtros socioculturais. Deste modo, uma das principais ações se deu a partir da proposta de “troca de receitas”. Enviei a cada um dos participantes um registro escrito de alguma experiência vivida e pensada a partir do preparo de um alimento e solicitei que me enviassem alguma receita escrita seguindo a mesma sistemática por mim utilizada. Para tanto, já havia realizado reflexões e apontamentos prévios acerca de como percebia o desenvolvimento de minhas práticas de cozinha delineado por estruturas socioculturais.

A seguir dedico-me a trazer um dos principais temas que emergiram das proposições, o qual diz respeito às relações de gênero, construídas, pensadas, reiteradas ou subvertidas por meio das práticas de cozinha.

2 RELAÇÕES E PRODUÇÕES DE GÊNEROS TECIDAS A PARTIR DAS PRÁTICAS DE COZINHA

Desde o princípio, um dos assuntos que percebia como mais evidentes para ser abordado na investigação centrava-se sobre as relações de gênero, construídas e solidificadas por meio de práticas de cozinha. Entretanto, acreditava ingenuamente em uma divisão bem delineada dos distintos papéis atribuídos a homens e mulheres no que dizia respeito ao âmbito culinário (isso provavelmente por pensar somente desde a perspectiva de meu contexto cultural). Ao estabelecer o contato com outros olhares apresentados pelos participantes da pesquisa, aos poucos fui percebendo que tais divisões são mais complexas e variáveis do que poderia crer.

Uma das receitas enviadas aos participantes contava sobre como observava essa divisão de papéis, sobretudo na realização do churrasco, iguaria tradicional em minha região de origem. Nesta

receita, narrei como aprendi a fazer churrasco e como via os discursos sobre gênero serem construídos e reiterados a partir daquele evento dominical.

O preparo do churrasco no Rio Grande do Sul frequentemente é de responsabilidade de homens, para muitos, um raro momento em que se dedicam à prática culinária. Dos momentos resgatados na memória, em que presenciei o preparo do churrasco, seja em minha família ou em outros grupos, os personagens e suas ações pareciam sempre seguir as mesmas diretrizes: homens de um lado, bebendo e preparando o churrasco; mulheres de outro, preparando as saladas, ou sobremesas. Ao fim, era de responsabilidade feminina lavar a louça suja que havia sido produzida pelo grupo.

Raramente uma menina era ensinada a preparar a iguaria, entretanto, comumente era ensinada a lavar a louça e aprendia os outros pratos que eram produzidos no dia a dia, os quais deveriam alimentar a família em sua rotina semanal.

Aprendi a fazer churrasco porque, interessando-me pela culinária, desejava também o conhecimento sobre o preparo desse prato tão típico de minha cultura. De mesmo modo, desejava aprender aquilo que não me haviam ensinado, por se tratar de uma prática voltada ao mundo masculino e, desta maneira, pretendia indagar os discursos sobre os gêneros que se constroem mediados pelas práticas cotidianas.

Certeau e Giard (2003, p. 339) afirmam que “[...] a prática cotidiana é relativa às relações de força que estruturam o campo social e o campo do saber [...]”, desse modo estabelece-se um jogo em que saber fazer algo é também conquistar certa autonomia, certa liberdade na ordem do que tende a ser imposição. Para tanto, é necessário um exercício de observação sobre si mesmo, sobre as possibilidades e limites colocados a cada um. Assim, as microrresistências originam-se nos diversos modos de fazer algo, e vão criando-se a partir do jogo com as normativas que estruturam cada

contexto. Ao passo que se cria uma forma distinta ao que é apresentado como padrão, se propõe uma nova forma de se observar aquilo que foi naturalizado pela repetição.

É importante lembrar que, o que discuto aqui é da ordem dos movimentos minúsculos e executados por sujeitos comuns, mas são justamente esses que interessam ao pesquisador do cotidiano e, ainda, ao pesquisador da cultura visual, pois ambos acreditam que é o olhar para as micronarrativas que pode ajudar a desestabilizar os discursos hegemônicos e, assim, pensar e projetar outras narrativas possíveis. E neste movimento, torna-se possível pensar sobre como vemos a nós mesmos e como isso possibilita refletir sobre “[...] como o que vemos nos conforma, faz-nos ser o que os outros querem que sejamos, e pode elaborar respostas não reprodutivas diante do efeito desses olhares”. (HERNÁNDEZ, 2013, p. 91).

Após o envio de minha receita de churrasco, variadas foram as percepções estabelecidas sobre os participantes da pesquisa acerca de como viam a si mesmos a partir da lente criada pelas práticas de cozinha. Em um dos relatos enviados por Maria Lêda, a participante tece diálogos com minha receita relatando um evento marcante em sua infância. Nesse, conta como se dava o ato de carneação realizado por sua família e de como os sujeitos desempenhavam funções específicas e distintas nesse cenário.

Dia de carneação era o maior rebuliço lá em casa [...]. Havia uma separação muito clara nos trabalhos: os homens sangravam o porco, despejavam-lhe água fervente e raspavam seu couro e seu pelo. Depois de bem limpo, abriam-no cuidadosamente, recolhiam o sangue numa panela e a buchada numa gamela e entregavam às mulheres que iam para o rio lavar as tripas e depois preparavam a morcilha com o sangue e as vísceras. (Maria Lêda, 2014).

No evento narrado é interessante observar que as tarefas realizadas pelas mulheres exaltam o emprego de força, virilidade, indiferença frente ao que poderia causar repulsa, características essas que comumente são atribuídas aos homens. Com isso a varia-

ção das concepções acerca dos gêneros e suas distinções fica mais claramente estruturada e definida em relação às especificidades de tempos e contextos culturais, de modo que as noções acerca do que seria viril, por exemplo, podem ser totalmente diferentes de um meio para outro.

Rubin (1993) fala sobre as categorias homem e mulher como mutuamente exclusivas, isto, sobretudo, a partir das divisões laborais. Porém, ressalta que isso não ocorre de modo natural, mas que se trata de uma construção fortemente marcada pela repressão. A autora menciona que a identidade de gênero exclusiva sustenta que a construção de um gênero se dá, especialmente, pela rejeição das características que foram sistematicamente sendo atribuídas discursivamente ao outro. Assim, vamos adotando desde cedo as imagens sobre nós mesmos que nos são apresentadas dia após dia.

Todavia, ambos os exemplos trazidos (tanto a receita de Maria Lêda, quanto a produzida por mim) apresentam a fluidez e fragilidade desses discursos, uma vez que são mutáveis dadas as necessidades e concepções que circundam em cada contexto. Deste modo, se um fazer cotidiano pode ser um meio limitador à produção do sujeito, também pode ser um modo de questionar o que é apresentado como norma e, desde uma microrresistência, produzir uma microliberdade (CERTEAU; GIARD, 2003).

Maria Lêda contou-me, em um dos primeiros encontros que tivemos, que ganhou de presente de casamento de sua mãe um tacho de polenta. Tal gesto traz consigo não apenas uma concepção acerca das responsabilidades femininas após o casamento, como também acaba por reiterar um discurso por meio de um ensinamento passado de mãe para filha. Bento (2006) comenta que desde que se nasce já há um mundo sendo idealizadamente construído para o indivíduo, a partir da primeira constatação do seu aparato sexual biológico. Esse mundo é composto por imagens, artefatos, desejos que já se preveem para aquele sujeito. A autora acredita

que é pela repetição do conjunto de normas inculcado ao indivíduo que se solidificam as identidades de gênero. Entretanto, também enfatiza que “[...] nas diferentes maneiras possíveis de repetição, na ruptura ou na repetição subversiva desse estilo, é que se encontram possibilidades para transformar o gênero [...]” (BENTO, 2006, p.4).

Se por um lado a mãe de Maria Lêda a presenteou com um objeto que reforçava uma concepção tradicional acerca das responsabilidades femininas, das atividades caracterizadoras do feminino, por outro lado foi esta mesma senhora que pediu a seu genro, antes do casamento, que nunca impedisse sua filha de estudar, diferentemente daquilo que, em outro momento, havia sido permitido para ela. Ao mesmo tempo que este ato apresenta uma condição feminina subjugada às decisões masculinas, que de algum modo afirma a crença na necessidade de preservação de um ato (cozinhar para a família), numa outra perspectiva, apresenta também a compreensão de que haviam possibilidades outras na construção das subjetividades daquela mulher.

Ao longo das conversas que tive com Maria Lêda, percebi que a forma como as práticas de cozinha estavam presentes em sua vida diziam respeito muito mais a um saber fazer, ao domínio, conhecimento de algo e a um desejo de conhecer as raízes históricas e culturais que envolviam cada uma das receitas. Cada uma delas trazia sempre, como característica comum, a tentativa de resgatar a importância de tal alimento para determinada cultura e uma rica descrição do referido contexto. De mesmo modo, sempre evidenciavam seu apreço pela escrita.

Por outro lado, Maria Lêda deixou evidente a compreensão do ato de cozinhar para seus familiares como sendo mais envolvido pelo carinho do que propriamente pelo dever. Essa questão da afetividade, ligada ao ato de cozinhar, também esteve presente nos relatos de outros participantes, contudo, por vieses distintos.

Débora (2012), por exemplo, fala sobre lembranças de sua infância e adolescência marcadas pela imagem de uma mãe que se dedicava a administrar as preferências alimentares de cada um dos membros da família. Para Débora, essa postura marca uma submissão feminina, reiterada pelas práticas de cozinha em que à mulher está destinado o dever de cozinhar, enquanto ao homem, o direito de servir-se.

Relata Débora que, em sua casa, sempre se fazia o trivial, de modo a agradar os gostos de seus pais e irmãos e também, devido a questões econômicas. Diante disso, um de seus desejos ao tornar-se produtora de seu próprio alimento foi, justamente, poder fazer aquilo que agradasse a seu paladar, bem como, experimentar aquilo que outrora não era tão viável economicamente e, por isso, caracterizava-se como supérfluo do ponto de vista de sua família. Entretanto, ainda que tenha adquirido esse interesse pela cozinha, conta que isso só se deu mais tarde, pois na época em que vivia com seus pais resistiu às inúmeras tentativas de sua mãe de “colocá-la para cozinhar”. Assim, aquilo que foi observado ao longo dos anos por Débora produziu questionamentos acerca de sua condição feminina, contudo sua tentativa de resistência não se dá pela recusa à cozinha, mas pelo poder de escolha oriundo do saber fazer.

Ao observar a repetição daquele cenário formado por sua família, em volta de uma mesa, aprendeu a construir uma postura que fosse mais coerente com suas reflexões e com as ideologias que ia tecendo a cada dia. Alves (2003, p. 1) nos diz que “[...] em seu viver cotidiano, os seres humanos se articulam em múltiplas redes educativas que formam e nas quais se formam [...]” e essa aprendizagem pode ser marcada pela repetição de ações e concepções, como também pode se dar pela reinterpretação e até mesmo pela rejeição do que foi ensinado como correto para cada sujeito. Pontua a autora que ao passo que vamos entrando em contato com outras redes, ampliamos nossas opções de escolha e posicionamentos,

observamos outras perspectivas possíveis, outros modos de pensarmos sobre nós mesmos e sobre os que nos cercam.

Embora Débora tenha traçado outro caminho para si, compreende a postura de sua mãe em relação àquilo que lhe foi ensinado e que estava associado à afetividade e cuidado de mãe e esposa.

No contato que tive com Ronaldo tive a oportunidade de observar uma forma diferenciada de cuidado e carinho, cultivados por meio das práticas de cozinha. Quando ele retoma suas experiências com as práticas de cozinha, relata que devido ao fato de seus pais terem se separado ainda em sua infância, os momentos que passava com seu pai eram marcados por um ritual que se perpetuava ao longo dos anos, e que estabelecia um contato afetivo entre os dois: trata-se do preparo de uma pizza e da riqueza contida naquele fazer tão comum. Nesta receita, Ronaldo (2012) conta que era um momento de integração criado pelo pai, que começava desde a sua ida e de seus irmãos ao supermercado para a compra dos ingredientes, até o ato do consumo da iguaria.

Esse simples ritual fala de uma tentativa de um pai em criar um momento para ser recordado na relação entre os dois, fala também de uma forma de cuidado que só era possível em momentos definidos a cada temporada que pai e filho passavam juntos. Entretanto, esse ato também buscava criar a sensação de uma rotina comum, onde se vai ao mercado, se cozinha e senta-se para comer em família. Ronaldo menciona que nunca perguntou a tão apreciada receita de massa de pizza para seu pai, o que de algum modo aponta para um desejo de perpetuar aquele ritual em que ele era o sujeito a ser alimentado.

Em outro momento, em que me reuni com Ronaldo para cozinhar e conversar sobre nossas experiências com as práticas de cozinha, vi um filho zeloso preparar uma refeição e servir carinhosamente sua mãe. Ainda que se reconheça o cuidado paternal que habita as instituições familiares, este é tradicionalmente marcado

mais por um zelo e responsabilidade em termos financeiros (BONINO MÉNDEZ, 2001), o que acaba por instaurar um modelo paterno que é privado de outras formas de demonstração afetiva. O que por uma perspectiva pode sugerir uma isenção acerca de determinadas responsabilidades, por outra, mostra um desfavorecimento uma vez que estabelece densos limites aos modos de contato a serem seguidos.

Ronaldo falou-me sobre cozinhar e comer como um ato de integração entre pessoas, um dispositivo para o contato e o diálogo, tal como foi percebendo, entre outras maneiras, a partir do contato com seu pai. Assim, valeu-se dos conhecimentos que buscou e desenvolveu a partir das cozinhas para criar momentos de celebração, de partilha, de fortalecimento de laços afetivos. Assim, desnaturalizar uma prática comumente atribuída ao domínio feminino e apropriar-se de seu conhecimento pode ser um potencializador para inventar formas de ser e agir menos submissas às normativas que circundam os discursos de gênero.

Entretanto, os saberes oriundos das atividades domésticas, comumente, são tratados como peças de pouca relevância, como se não merecessem destaque na vida daqueles que delas se servem. Contudo, enfatiza Bonino Méndez (2001, p. 30) que “[...] não se trata somente de tarefas de manutenção do lar e de cuidado de pessoas, é um trabalho de produção e desenvolvimento de pessoas e relações [...]”, de modo que aqueles que por essas atividades são responsáveis, acabam por possuir um alto grau de responsabilidade por meio de suas atividades e saberes.

Nesse sentido, o seguinte comentário realizado por Alexandra, apresenta-se completamente coerente com o que afirma Bonino Méndez (2001).

Eu não acho que sejamos assim uma sociedade tão patriarcal. A mulher é que faz tudo! (...) eu acho que, a partir do momento que és tu que produzes, que és tu que geres todas, todas as coisas da casa,

és tu que mandas! Porque se tu falhares é um grande desequilíbrio (Alexandra, 2013).

Alexandra, assim como Ronaldo, percebe as cozinhas como espaços privilegiados para a integração entre pessoas, onde ela frequentemente exerce o papel da pessoa que orquestra os eventos e promove esses momentos de contato e diálogo. Para ela é muito claro o poder que possui por meio desse saber, o qual foi desenvolvido, sobretudo, a partir do contato com sua mãe. Contudo, não foi ensinada a cozinhar porque precisaria sabê-lo para alimentar uma família que talvez viesse a constituir, mas porque esperava-se que, em virtude de sua vida de estudante, tivesse que morar em outra cidade e sozinha. Ou seja, ainda que as práticas de cozinha reforcem muitas normativas acerca das construções de gênero, à medida que os espaços vão alterando-se, que novas concepções são introduzidas nos contextos socioculturais, vão sendo incorporadas outras relações de ensino/aprendizagem cotidianas, outras formas de se pensar o que e por quais razões se deve aprender algo.

Desse modo, Alexandra compreende que o fazer culinário, que por muito tempo foi (e ainda o é, significativamente) tratado como meio de submissão feminina, pode constituir-se sob uma outra perspectiva, a qual se volta muito mais para um sentido de independência e de domínio sobre algo. Assim, os saberes desenvolvidos nas cozinhas, para ela, são mais uma entre tantas formas de poder, exercidos e conquistados pelas mulheres. Neste sentido, é necessário que sejam pensados e praticados como tal.

A todos os participantes dessa pesquisa as cozinhas se mostraram como locais de possibilidade de autoprodução e de afirmação por meio do conhecimento. No que diz respeito aos discursos que circundam as produções de gêneros, as experiências aqui narradas falam sobre microrresistências que não se deram somente pelo enfrentamento, mas pelas brechas criadas pelos sujeitos, cotidianamente, no questionamento daquilo que lhes é dado como

norma. Essas brechas foram possíveis por meio dos olhares tecidos destes sujeitos sobre si mesmos, desnaturalizando suas percepções acerca de uma prática comum. Assim, descobriram nas práticas de cozinha, modos de pensar suas atuações em seus contextos, e outras formas de produzi-los, pois, “[...] às vezes basta uma experiência local para abrir um campo de ação à operatividade dos praticantes, para fazer eclodir seu dinamismo [...]” (CERTEAU; GIARD, 2003, p. 340).

Para tanto, as relações de gênero aparecem como uma questão evidenciada quando observamos as cozinhas e os fazeres nela desenvolvidos, mas esses espaços mostram também relações muito mais complexas criadas pelos sujeitos em suas formas de convivência e negociações cotidianas. E se as práticas de cozinha podem reforçar normativas que traçam distinções entre as construções de gênero, bem como os papéis a serem adotados por cada um, elas também podem ser um meio de questionar tais imposições socio-culturais e pensar outros modos de vida possíveis para cada sujeito.

Assim, os fazeres cotidianos podem ser um meio para desnaturalizar e deslocar olhares sobre quem somos e como devemos ser. Podem ajudar na compreensão sobre como somos produzidos a partir das mais simples ações do cotidiano e, compreendido isso, imaginar outros caminhos, uma vez que também somos produtores de nossos contextos a partir da articulação entre nossos saberes e fazeres.

PRACTICES OF KITCHENS AS PRODUCERS SMALL RESISTANCES

ABSTRACT

This writing is constituted from aspects investigated in my doctoral research, which aimed to think of how subjects produce themselves and are produced by their kitchen practices. For this, I trace some notes about how was done the research process based on the theoretical perspectives of Visual Culture, Narrative Inquiry and Everyday Life Studies. Finally, I seek to present one of the main themes that emerged throughout the research development: gender relations built and thought from the kitchens practices. I discuss how these sites are involved by discourses that surround the production of genres, as well as may be spaces of questioning on the normatives present there.

Keywords: Everyday Life Studies, Visual Culture, Narrative Inquiry, Kitchen Practices.es.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 62-74, maio/ago. 2003. Disponível em: <<http://www.re-dalyc.org/articulo.oa?id=27502305>>. Acesso em: 23 abr. 2012.

BENTO, Berenice. Corpos e próteses: dos limites discursivos do dimorfismo. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero, 7., 2006, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2006, p. 1-7. Disponível em: <<http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/B/BereniceBento16.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2012.

BONINO MÉNDEZ, Luis. Los varones hacia la paridad en lo doméstico: discursos sociales y prácticas masculinas. In: Sanchez-Palencia, C ; Hidalgo, JC. (Ed). **Masculino plural: construcciones de la masculinidad**. Lleida: Univ. de Lleida, 2000. Disponível em: <www.geocities.com/litertulia/paridad_lbonino.htm>. Acesso em: 12 set. 2012. P. 23-46.

BROCKMEIER, J.; HARRE, R. Narrativa: problemas e promessas de um paradigma alternativo. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 3, n. 16, p. 525-535, 2010.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do cotidiano: 1 artes de fazer**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002.

_____.; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2 morar, cozinhar**. Petrópolis: Artes de Fazer, 2003.

CORRÊA, Débora. Depoimento. Entrevistadora: Juzelia Moraes. Arquivo de áudio. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa “Ao sabor das narrativas: relatos a partir das práticas de cozinha.” Goiânia: PPGACV/FAV/2012.

GONÇALVES, Alexandra. Depoimento. Entrevistadora: Juzelia Moraes. Arquivo de áudio. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa “Ao sabor das narrativas: relatos a partir das práticas de cozinha.” Goiânia: PPGACV/FAV/2013.

HERNÁNDEZ, Fernando. Pesquisar com imagens, pesquisar sobre imagens: revelar aquilo que permanece invisível nas pedagogias da cultura visual. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Org.). **Processos e práticas de pesquisa em cultura visual e educação**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013, p. 77- 96.

ILLERIS, H.; ARVEDSEN, K. Fenômenos e eventos visuais: algumas reflexões sobre currículos e pedagogia da cultura visual. In: MARTINS, Raimundo Martins; TOURINHO, Irene (Org.). **Culturas das Imagens: Desafios para a arte e para a educação**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2012. p.281-299.

LÓSS, Maria Lêda. Depoimento. Entrevistadora: Juzelia Moraes. Arquivo de áudio. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa “Ao sabor das narrativas: relatos a partir das práticas de cozinha.” Goiânia: PPGACV/FAV/2013.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. Circunstâncias e ingerências da cultura visual. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). **Educação da cultura visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Editora UFSM, 2011, p. 51-68.

MITCHELL, W. J. T. Como caçar (e ser caçado por) imagens: entrevista com W. J. T. Mitchell. Entrevista concedida a Daniel Portugal e Rose de Melo Rocha. **E-compós**, Brasília, v. 12, n. 1, jan./abr. 2009.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres: notas sobre a economia política do sexo**. Recife: S.O.S Corpo, 1993.

SOUZA, Ronaldo. Depoimento. Entrevistadora: Juzelia Moraes. Arquivo de áudio. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa “Ao sabor das narrativas: relatos a partir das práticas de cozinha.” Goiânia: PPGACV/FAV/2012.

BIOGRAFIA

Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual -FAV/UFG. Mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal de Santa Maria/RS. Possui Bacharelado e Licenciatura em Desenho e Plástica, pela Universidade Federal de Santa Maria/RS. Atualmente é integrante do corpo docente do Centro de Educação a Distância da UDESC/SC.